

EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL: A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR UM TEMA POUCO DIFUNDIDO NAS ESCOLAS

Paulo Ricardo Nunes Macedo¹
Rodrigo Almeida da Silva²
Maria Auxiliadora Maués de Lima Araujo³

Introdução

Estudar, compreender, socializar e desmistificar temas que trata da educação de pessoas que se encontram no cárcere, cumprindo sentenças pelos crimes cometidos e, sem dúvidas um grande desafio. O presente trabalho é um desdobramento do projeto de ensino que vem sendo desenvolvidos a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado a Universidade do Estado do Pará (UEPA) Campus XI – São Miguel do Guamá. Intitulado “A EDUCAÇÃO E O RESIGNIFICAR NA VIDA DE MULHERES ENCARCERADAS: o esperar que ultrapassa as grades”, a proposta se constitui por buscar a ampliação de estudos nesse campo.

A educação é uma importante e imprescindível ferramenta de transformação social e construção do ser humano para que se desenvolva e se relacione enquanto sociedade. Tendo em vista isso, um questionamento compõe a indagação que busca responder seguinte questão: Você lutaria para que pessoas que se encontram encarceradas, tenham a possibilidade de ter acesso à educação?

Embarcando nesse pequeno grupo de estudantes, que julgamos corajosos e destemidos, ao lutar e compreender a importância de que todas as pessoas tenham acesso à educação, nosso objetivo com a pesquisa é procurar entender qual o grau de conhecimentos que alunos e professores, da realidade de ensino, diferente ao espaço onde é ofertada a

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – UEPA, Bolsista PIBID/CAPES, 2023. paulo.rnmacedo@aluno.uepa.br

² Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – UEPA, Bolsista PIBID/CAPES, 2023. rodrigo.adsilva@aluno.uepa.br

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará (2012), Pós Doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/2016), Mestrado Acadêmico em Educação pela Universidade Federal do Pará (2006), especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Estado do Pará (2005) com graduação em Pedagogia pela União das Escolas Superiores do Pará (1990). Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Gestão, Trabalho e Educação Carcerária – GEPGTEC/UEPA. Coordenou cinco versões do PIBID, atualmente é Coordenadora local do PIBID (2022/2023) e cinco versões PIBIC sendo a última (2022/2022). E-mail: auxiliadoramaues@uepa.br

educação em prisões, possuem acerca da educação no interior do sistema carcerário e, com isso agregar novos conhecimentos a respeito do tema.

O presente artigo traz como tema a educação no cárcere, problematizando a necessidade de estudar, compreender e tentar desmistificar o preconceito e o desconhecimento que há com relação a garantia do direito de estudar das pessoas que estão privadas de liberdade, cumprindo suas penas, e também com relação a importância de valorizarmos as práticas educacionais desenvolvidas na escola do cárcere. Objetivamos destacar a educação como garantia de direito e, prática social essencial para o favorecimento de processos de ressocialização e reintegração das mulheres encarceradas.

Por fim a educação é um direito indispensável de todos, quaisquer que sejam os espaços onde se encontre o ser humano, e, como bem recomenda Paulo Freire (1987) em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, a educação deve libertar, emancipar, humanizar e mudar a realidade da vida das pessoas. Elementos que se constituem em fatores fundamentais para que haja ressocialização e reintegração das pessoas que se encontram privadas de liberdade, por terem cometido algum crime.

Metodologia e Referencial Teórico

Os estudos vêm sendo feitos no decorrer do PIBID⁴ que participamos, partindo de um estudo de embasamento teórico, onde usamos os estudos bibliográficos para sustentação aos estudos empreendidos, para a, partir desse contato com informações e estudos de grandes autores, que ao longo do tempo vem estudando a temática para uma educação de fato seja ofertada para todas as pessoas, sendo elas livres ou privadas de liberdade. Dentre os autores estudados elencamos: Paulo Freire (1986), Julião (2009), Onofre Cammarosano (2012) e Araujo (2019, 2022) e etc.

Foi desenvolvido por meio de um estudo bibliográfico (MINAYO, 2009) realizado a partir da revisão da literatura e das reflexões a respeito do encarceramento da população feminina. A pesquisa de campo⁵, realizada por meio de um questionário fechado, para um publico composto por estudantes do ensino médio, contendo seis questões e, que foi aplicado para um total de 161 estudantes.

Sabemos que a intencionalidade de uma investigação cria uma relação íntima entre o que desejamos observar e aquilo que está sendo, ou será observado. Para Tomás (2012) esta ligação

⁴ Com o projeto A Educação e o Resignificar da Vida de Mulheres Encarceradas: O Esperançar que Ultrapassa Grades. Coordenado pela profa. Dr.^a Maria Auxiliadora Maués de Lima Araujo/UEPA. Em andamento (início Nov/2022 – em andamento).

⁵ Dados de pesquisa que ainda estão sendo trabalhados.

particularmente cativante quando o observado é invisível e poderá ser desvelado. Uma curiosidade investigativa que nos conduz ao paradoxo de buscar formas de ver o invisível. Consideramos que a educação no cárcere e as pessoas encarceradas, em muito, continuam sendo invisibilizadas. Para nós isso pode ser revelador de responsabilidades, como por exemplo: A falta ou o desconhecimento das políticas educacionais e da garantia do direito a educação, que é de todas as pessoas, onde quer que ela esteja, conforme acordo com estudos e pesquisas de Araujo (2022).

A partir dos estudos de Julião (2009) ressaltamos que é importante investir em escolas prisionais, no sentido de ocorrerem dentro das prisões, sendo acompanhadas por uma política que efetivamente se preocupe e invista na formação de um sujeito crítico e consciente do seu papel social, tal qual Freire (1987) preconiza. É preciso que ao cumprir a sua pena, a pessoa que se encontrava encarcerada, possa retornar para sua realidade, fora de espaços prisionais, tenha consciência das suas ações a partir desse momento. O sistema prisional carrega consigo opiniões dúbias. Ora, são formadas pela sociedade, de forma não tão positiva – tem que render e matar bandido, em outros momentos, não servem para nada, atrapalhando a vida das pessoas ditas “do bem”. Aqui percebemos muito de um modelo de cadeia, que têm uma única e exclusiva função que é de vigiar, punir e tirar o indivíduo do convívio social. (FOUCAULT, 1987).

Esse aspecto, não leva em consideração que o detento precisa ter acesso a educação e outros direitos universais como a saúde e boa alimentação, para que no momento seguinte ao cumprimento da sua pena, possa ser reinserido na sociedade de maneira que tenha totais condições de levar uma vida digna, não sendo considerado inferior por ser ex detento, pois existe na sociedade, infelizmente um consenso de que a pessoa privada de liberdade seja indigna de receber uma educação, pois é considerado um luxo/privilégio. No dizer de Florêncio (2021):

Diante do quadro de desumanidade e violência do encarceramento em massa, a esperança está em educar os sujeitos numa pedagogia de humanização e emancipação. Não uma pedagogia para servir ao sistema, no seu atual formato, mas para que o aluno-interno se reconheça como sujeito capaz de construir outra história de vida, nova e libertadora (FLORENCIO, 2021).

Para Freire (1987) a esperança em um mundo melhor reside em uma educação que privilegie a emancipação e a liberdade das pessoas. Humanizar e dar tratamento humano aquilo que é humano, não deve jamais ser considerado uma regalia. No caso da crítica que sempre fazem aos defensores que lutam pela garantia dos direitos humanos – sob a égide de que defendem bandidos – só pode ser sentida a falta dele, quando de alguma maneira precisamos dele. Neste caso, a educação no cárcere, deve ser ofertada e garantida como direito

fundamental de todas as pessoas, dentre elas as que estão encarceradas, bem como precisa de trabalho de informação constante.

Resultados e Discussão

Na pesquisa de campo que realizamos na escola E.E.F. Irmã Carla obtivemos os seguintes resultados com questionários aplicados para a equipe de docente e os discentes de 6 turmas, sendo duas turmas de 1º ano; duas de 2º ano; duas de 3º ano. Participaram da pesquisa 161 discentes e 1 docente da escola. Sendo feito as seguintes perguntas: Você tem algum conhecimento sobre educação no sistema penitenciário? Onde 82% das pessoas afirmam não ter nem um conhecimento.

Os espaços das prisões, conforme conhecemos ou temos informações, são locais cinzentos, escuros, cobertos de crueldades e terror. A escola no cárcere: uma reflexão sobre a educação dentro dos presídios brasileiros. Diante disso, foi feita a seguinte pergunta: No seu ponto de vista de aluno, você acha importante que detentos (as) tenham a chance de estudar enquanto encarcerados? Onde 87% das pessoas concordam que sim, essa educação interessante.

Os dados que aqui trazemos são uma amostra que revela somente uma parte da pesquisa que ainda está em andamento, como parte do Projeto PIBID em desenvolvimento. A educação formal se insere no cárcere como meio de garantir aos cidadãos presos a oportunidade de acesso à escolarização, da qual, por diversos motivos, os mesmos não usufruíram quando em liberdade. Entende-se que ela é um recurso importante no processo de desenvolvimento humano, e que apesar da maioria das pessoas que trabalham no cárcere, ou mesmo, a sociedade ainda não aceita que a educação, enquanto um direito público e subjetivo assegurado por lei a todas as pessoas, inclusive aos que cumprem penas, seja ofertada para pessoas “criminosas”.

Reafirmamos que a condição de uma pessoa presa não deve e nem pode tirar-lhe a possibilidade de ampliação do conhecimento, uma vez que esta pode ser uma condição indispensável para a construção do seu processo de emancipação e liberdade, como ser humano, conforme nos ajudam a pensar Lima (2010).

Considerações Finais

Os estudos acerca da educação no sistema prisional chamando a atenção para a importância de discutir um tema que infelizmente ainda é pouco difundido nas escolas. Tratamos da escola por considerarmos que ela ainda é o maior veículo de difusão do conhecimento. E este é um tema que tem urgência em ser tratado.

Consideramos ainda que desmistificar temas que estão a margem da sociedade, como é o caso da educação de pessoas privadas de liberdade, em cumprimento de pena, e, um grande desafio. A inserção no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), tratando da educação e o ressignificar na vida de mulheres encarceradas, de fato trouxe para nós lentes de aumento com relação a necessidade de discussão e envolvimento de todos nessa questão.

O esperar que ultrapassa as grades, que complementa nosso projeto, vai ao encontro do que Freire preconizou em seus escritos, ao nos fazer acreditar no “esperançar” que precisa do nosso envolvimento. Nós como futuros profissionais da educação, não devemos ficar esperando chegar o momento em que estivermos formados para agir, e muito menos esperar para que as coisas aconteçam. Precisamos ainda em formação, refletirmos acerca de questões como essas e agir, no sentido de ser a esperança e instrumento de mudanças. Eis uma proposta de estudos que se constitui por buscar a ampliação de estudos nesse campo.

Palavras Chave: Educação no Cárcere. Garantia de Direitos. Liberdade e Autonomia.

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, M. A. M. de L. (Orgs). Veredas para o sol: escritos sobre a educação no cárcere paraense. Editora CRV, 2021.

_____.; FIDALGO, F. S. R. **Escritos Sobre Trabalho e Educação Difíceis:** A Educação Carcerária no Estado do Pará. Dossiê sobre a Educação Carcerária. Revista Trabalho & Educação, UFMG, v. 26, p. 135, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: historia da violência nas prisões.** Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 35ª. São Paulo: Paz e Terra, 2007 (Coleção Leitura).

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa Social:** Teoria, método e criatividade. 21. Ed. Petrópolis: Vozes. 2009.

TOMÁS, Júlia. A invisibilidade social, uma construção teórica. Colóquio “Crise das Socializações”. Braga, p. 1-12, 2012.

FLORÊNCIO, Roberto Remígio; COSTA, Ênio Silva da. A escola no cárcere: uma reflexão sobre a educação dentro dos presídios brasileiros. 2021.